

# “Massonguiro” e pobreza desgraçam a rapariga



Combate às uniões prematuras requer extinção de práticas nocivas à rapariga

ANA RITA TENE

As práticas costumeiras de leilão ou venda da virgindade da rapariga, conhecidas como “Massonguiro”, aliadas à pobreza que assola parte considerável das famílias no

país, continuam a empurrar as meninas para as uniões prematuras e gravidezes precoces.

Nalgumas regiões da província de Manica, por exemplo, quando a menina atinge a menarca, que acontece entre os 12 e 14 anos de idade, os pais decidem “vende-la” por via do

casamento para salvaguardar a cobrança do lobolo e da virgindade.

A ideia que se desenvolve nestas comunidades é a de que se a rapariga permanecer na escola e não for encaminhada a um casamento mais cedo, pode conhecer um jovem da

sua idade que lhe vai engravidar sem que a família tenha retorno financeiro.

Na última semana, organizações da sociedade civil, membros do governo e mais de 300 adolescentes reuniram-se, na província de Maputo, para reflectir em torno de boas prá-

ticas conducentes à redução dos casamentos prematuros e gravidezes precoces.

Gilda Carmen, 18 anos de idade, é activista da Associação Levante Mulher e Siga o seu Caminho (Lemusica), sediada na cidade de Chimoio, onde trabalha na sensibilização de

pais e encarregados de educação sobre a importância da retenção da rapariga na escola.

“Embora com tendência a reduzir, há ainda um número considerável de pais que vendem a virgindade da sua filha aos 12 anos. Quem paga pela virgindade são homens com posses e o cumprimento das obrigações conjugais termina numa gravidez indesejada, facto que compromete o seu futuro”, disse.

Outro fenómeno que compromete o desenvolvimento, tanto da rapariga como do rapaz, tem sido a venda antecipada do nascituro, uma prática conhecida por “Kubatira”. Neste processo, basta que uma mulher esteja grávida para que alguém com posses se ofereça para cuidar da gestação, na esperança de que se o nado for do sexo feminino servirá como sua mulher ou nora.

“Nesses casos, a pessoa que apostou naquela mulher grávida provê todos os cuidados e pode exigir que aquela criança fique sob sua custódia um ou dois anos após o nascimento. Se o bebé for rapaz, servirá de empregado da família que pagou”, conta Carmen.



Sensibilizamos os pais sobre a importância de manter a menina na escola - Gilda Carmen

## Agressores traumatizam e deixam “cicatrizes”

## Focalizar na eliminação de práticas nocivas

A erradicação das uniões for-

### COZINHANDO COM O CHEFE FERDINANDO TORRES



Visitar o Mercado do Peixe em Maputo ou serpentear, logo pela manhã, as bancas da secção de frescos de alguns mercados municipais do país é algo que me enche de prazer. O cheiro intenso a maresia faz dançar os sentidos e desperta em mim um desejo quase inadiável de (re)descobrir as cores, texturas, sabores e aromas do peixe e mariscos que a cada dia nos chegam do Índico. O mais difícil, porém, é escolher o que comprar; peixe vermelho, peixe papagaio, peixe pedra, garoupa, camarão, carangueijo, lulas, lagostas, lagostins, amêijoas, canivetes... Por onde começar?

Antes que a dúvida crie um estado de paralisia por análise e comprometa o almoço e/ou jantar de hoje, eis a proposta para esta edição:

### Postas de peixe-serra com molho de manteiga



Tempo de preparação: 45 Min, Grau de dificuldade: Fácil, Número de pessoas: 2-4

Custo: Médio

#### INGREDIENTES

- 4 Postas de peixe-serra
- 4 Dentes de alho moídos
- Sumo de 2 limões
- 1 Colher de sopa de gengibre fresco picado (opcional)
- 2 Colheres de sopa de manteiga
- Sal, azeite, pimenta branca e folhas de hortelã a gosto

#### PREPARAÇÃO

Tempere o peixe com metade do alho, sumo de limão, gengibre, sal, azeite e pimenta. Deixe marinar por 15 minutos na geleira.

Escolha o método de cocção que lhe for conveniente, isto é, grelhe o peixe num fogão a carvão, frite-o numa frigideira com um pouco de óleo, coza-o ou asse-o no forno a 120° C por cerca de 25 minutos ou até cozer.

Derreta a manteiga numa frigideira e retire a espuma que se formar na superfície. Junte algumas folhas de hortelã e o restante alho, sumo de limão, gengibre, sal, azeite e pimenta. Mexa bem e deixe levantar fervura por dois ou três minutos.

Retire o molho do lume, triture e coe-o usando um passador fino.

Regue o peixe com o molho e sirva de imediato. Acompanhe com vegetais cozidos ou a gosto.

# Agressores traumatizam e deixam "cicatrices"

Milena tem 17 anos de idade e tornou-se mãe aos 15 anos, fruto de uma violação sexual. Ela regressava da escola, no distrito de Angoche, província de Nampula, quando foi abordada por três homens encapuzados que a agrediram sexualmente e abandonaram-na nas imediações de casa.

Depois de socorrida por um vizinho, a tia com quem vivia ficou com medo de procurar apoio policial e assistência sanitária e cuidou dos ferimentos com recurso a plantas localmente disponíveis.

Milena passou pelo desprezo dos colegas de escola e teve de abandonar os estudos. Dois meses após o incidente, a menor percebeu que estava grávida e novamente teve receio de procurar assistência.

Hoje ela carrega nos braços um bebé de sete meses de vida, cuja concepção não foi planificada. "As pessoas olham para mim com desprezo, mas eu não tive culpa pelo que aconteceu. Não planeiei que a minha vida ia terminar deste jeito. A única coisa que espero é que haja justiça", lamenta.

No entanto, o episódio serviu para a fortalecer e actualmente regressou à escola com apoio de organizações de base comunitária que provêm assistência em material escolar.

Oportunidade de retornar à escola, depois de ser obrigada a se unir a um homem mais velho, teve também a menor Zaida Vilanculos, de 15 anos de idade, residente no distrito de Govuro, província de Inhambane. No ano passado, Zaida teve de abandonar a escola por falta de dinheiro



Milena tornou-se mãe contra sua vontade, após ser vítima de violação sexual

para pagar o guarda da escola e comprar material escolar. A mãe disse-lhe, na altura, que a única alternativa era casar-se, por incapacidade de custear os seus estudos.

Apesar da recusa do irmão mais velho, que chegou a abandonar os estudos e procurar emprego para evitar que ela fosse ao "lar", a menor acabou cedendo e se uniu a um homem de uma outra localidade, que dista 70 quilómetros da sua terra natal.

Vendo que teria que cumprir com as obrigações conjugais, para as quais não estava preparada, Zaida fugiu a pé e procurou regressar à casa da mãe. Já na sua aldeia, procurou apoio junto às autoridades locais e o líder comunitário encaminhou-a a uma associação comunitária, que trabalha em prol da retenção da rapariga na escola.

"Eu voltei mesmo contra a vontade da minha mãe e ela foi obrigada a me acolher. Retomei a escola e, mesmo sem conseguir pagar os 20 meticais mensais da contribuição do guarda, tenho tido apoio em material escolar para que eu não desista", conta a menina.

# Focalizar na eliminação de práticas nocivas

A erradicação das uniões forçadas e gravidezes precoces requer a eliminação de práticas nocivas ao desenvolvimento da rapariga, bem como o seu empoderamento, através da retenção na escola e provisão de apoio financeiro em projectos de geração de renda.

Segundo Lucas Mangrassa, Vice-ministro do Género, Criança e Acção Social (MG-CAS), os três pilares para o combate às uniões envolvendo menores são, nomeadamente, o empoderamento da rapariga, aumento da frequência e retenção escolar e a sensibilização.

"Para cada um dos pilares foram desenhadas acções tendentes à erradicação das uniões prematuras. Notamos que à medida que saímos da cidade para o campo, a incidência é maior, facto que impede as meninas de estudar, ter uma vida condigna e desenvolvimento saudável", acrescentou.

Mangrassa defendeu ainda a necessidade de haver esforços conjugados para se inverter o cenário actual e permitir que as raparigas possam desenvolver até à idade adulta, onde existe garantia de que a menina tem responsabilidade pessoal para decidir sobre a sua vida.

Por sua vez, a activista global para os direitos humanos da mulher e da criança, Graça Machel, entende que é altura de se olhar para as boas práticas e exemplos positivos que têm contribuído para a mudança dos hábitos culturais e redução do número de raparigas que se casam cedo.



Clementina Mbeti falando ao Notícias

"Nós acreditamos que seja altura de olhar para aquilo que está a ser feito de bom a nível global e das comunidades em prol destas meninas. E no caso concreto, olhamos para a questão do empoderamento académico, cultural, económico e social da rapariga", explicou.

A nível das comunidades, a sensibilização dos pais para a mudança de hábitos que põem em causa o desenvolvimento da rapariga tem sido reservada às madrinhas dos ritos de iniciação, matronas e parteiras tradicionais.

Tal é o caso de Clementina Mbeti, matrona do distrito de Guijá, em Gaza, cuja vida é dedicada à promoção de boas práticas e tem estado a trabalhar com os pais para que as meninas e rapazes permaneçam na escola até à conclusão do ensino secundário.

"Os pais acreditam que

casando a menina mais cedo salvaguardam a recepção de gado e dinheiro de um homem com posses. No seu entender, se esta ficar grávida fruto de uma relação com outro adolescente, eles não terão retorno financeiro", conta a anciã.

Apesar da redução do número de casos de pais que entregam as suas filhas em troca de gado, um outro fenómeno começa a ganhar terreno. Trata-se do abandono voluntário da escola por parte dos adolescentes com o intuito de migrarem para a vizinha África do Sul.

"Isso acontece entre namorados jovens. A rapariga é convencida a fugir com o namorado para África do Sul sem o conhecimento dos pais. Agora nós temos que trabalhar com as meninas e ensiná-las sobre a importância da escola e de ter uma formação", concluiu Mbeti.

restante alho, sumo de limão, gengibre, sal, azeite e pimenta. Mexa bem e deixe levantar fervura por dois ou três minutos.

Retire o molho do lume, triture e coe-o usando um passador fino.

Regue o peixe com o molho e sirva de imediato. Acompanhe com vegetais cozidos ou a gosto.

## HISTÓRIA DE VIDA

### A experiência que mudou a vida de Maria



Chama-se Maria das Dores e tem 22 anos. Aos 8 foi confrontada com uma situação que mudou a sua vida. Estava ela no hospital, em Quelimane, província da Zambézia, na companhia de um familiar que não gozava de boa saúde. Chegadas lá, o médico conversou com ele, fez-se os exames e o diagnóstico acusou HIV positivo.

"O médico dirigiu-se para mim e disse: olha Maria, o seu tio precisa de muito apoio. Leve essa mensagem à vossa família. Não sabia o que era HIV, mas mesmo assim assumi essa responsabilidade", conta.

Desde esse dia, Maria passou a se interessar em saber sobre o vírus e a doença causada por este microrganismo. Nisso, foi convidada a fazer parte de meninas activistas de uma associação, uma vez que era familiar uma de pessoa vivendo com HIV. Agarrou-se à oportuni-

dade e tornou-se activista. Participou também em programas de rádio.

Quando tudo parecia que estava a dar certo, eis que algo acontece. Maria engravidou aos 14 anos. Por causa das complicações da gravidez teve que parar de ir à escola, já no início da 10ª classe. Depois do interregno, a jovem voltou aos cadernos e ao activismo. Actualmente, frequenta a 11ª classe e faz parte das raparigas da iniciativa DREAMS, um projecto cujo objectivo é sensibilizar as comunidades, em particular os adolescentes e jovens para se prevenir de doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV, a lutar contra a violência baseada no género, as gravidezes precoces e os casamentos prematuros.

"É difícil ser-se mãe na adolescência. Digo às meninas que já iniciaram a actividade sexual a optar pelo uso do preservativo ou outro método anticonceptivo. As que ainda não começaram, melhor mesmo é adiar a actividade até que estejam preparadas para saber decidir por elas", aconselhou recordando os momentos difíceis da sua trajectória.

PUBLICIDADE

Moçambique!  
Vêm aí novas possibilidades.

BARCLAYS

Parte da família Absa